

**ARTICULANDO RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO EM
HISTÓRIA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE PROFESSORA-PESQUISADORA
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**ARTICULATING ETHNIC-RACIAL AND GENDER RELATIONS IN HISTORY
BASED ON THE EXPERIENCE OF A TEACHER-RESEARCHER IN THE EARLY
YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL**

**ARTICULANDO LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES Y DE GÉNERO EN LA
HISTORIA A PARTIR DE LA EXPERIENCIA DE UNA MAESTRA
INVESTIGADORA EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA ESCUELA PRIMARIA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-019>

Data de submissão: 04/10/2025

Data de publicação: 04/11/2025

Hellen Pabline Leal Conceição

Doutoranda em História do Brasil

Instituição: Universidade Federal do Piauí (UFPI)

E-mail: hpablinelealconceicao@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4000-9915>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2151269184657081>

Joseanne Zingleara de Soares Marinho

Doutora em História

Instituição: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

E-mail: joseannemarinho@cchl.uespi.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9725-5031>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2819637531603284>

RESUMO

Esse trabalho foi conduzido como uma etapa da pesquisa dissertativa desenvolvida no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), visando o desenvolvimento de um Relato de Experiência acerca das vivências em uma escola municipal na capital, Teresina, no Piauí. As atividades relatadas foram realizadas no primeiro semestre do ano letivo de 2023 e trouxeram a confecção e uso de bonecas Abayomi como recurso didático auxiliar que possibilitou construir relações entre o ensino de história, o lúdico e a representação positiva negra. A metodologia de escrita adotada utilizou o recurso do Diário de Aula como importante instrumento de registro, para refletir acerca das discussões que perpassam as relações étnico-raciais e de gênero, a partir do enfoque nos estudos desenvolvidos por Rafael Porlán e José Martín (1991), Miguel Zabalza (2004), Chimamanda Adichie (2019), Maria Cristina do Nascimento (2019) e Lélia Gonzalez (2020).

Palavras-chave: Ensino de História. Relações Étnico-Raciais e de Gênero. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This work was conducted as a stage of the dissertation research developed in the Master's course of the Postgraduate Program in History Teaching (ProfHistória), at the State University of Piauí (UESPI), aiming at the development of an Experience Report about the experiences in a municipal school in the capital, Teresina, in Piauí. The activities reported were carried out in the first semester of the 2023 school year and involved the making and use of Abayomi dolls as an auxiliary didactic resource that made it possible to build relationships between history teaching, playfulness, and positive black representation. The writing methodology adopted utilized the classroom diary as an important recording tool to reflect on discussions surrounding ethnic-racial and gender relations, focusing on studies developed by Rafael Porlán and José Martín (1991), Miguel Zabalza (2004), Chimamanda Adichie (2019), Maria Cristina do Nascimento (2019), and Lélia Gonzalez (2020).

Keywords: History Teaching. Ethnic-Racial and Gender Relations. Experience Report.

RESUMEN

Este trabajo se realizó como parte de la investigación de tesis del programa de Maestría en Didáctica de la Historia (ProfHistória) de la Universidad Estatal de Piauí (UESPI), con el objetivo de elaborar un Informe de Experiencia sobre las vivencias en una escuela municipal de Teresina, la capital del estado de Piauí. Las actividades descritas se llevaron a cabo durante el primer semestre del ciclo escolar 2023 e incluyeron la elaboración y el uso de muñecos Abayomi como recurso didáctico auxiliar, lo que permitió establecer vínculos entre la enseñanza de la historia, el juego y la representación positiva de la población negra. La metodología de escritura empleada utilizó el diario de clase como herramienta fundamental para reflexionar sobre las discusiones en torno a las relaciones étnico-raciales y de género, con énfasis en los estudios de Rafael Porlán y José Martín (1991), Miguel Zabalza (2004), Chimamanda Adichie (2019), Maria Cristina do Nascimento (2019) y Lélia Gonzalez (2020).

Palabras clave: Didáctica de la Historia. Relaciones Étnico-raciales y de Género. Informe de Experiencia.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado foi construído a partir das vivências proporcionadas durante a escrita da dissertação do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *Campus Alexandre Alves de Oliveira*. Ao entender que as experiências vivenciadas na escola são formadoras, marcam e constroem nossas concepções de humanidades, o relato de experiência surgiu nesse contexto através da utilização do Diário de Aula como um instrumento metodológico para refletir o ensino-aprendizagem, ao entender que é necessário que professoras/professores escrevam sobre suas vivências a partir das teorias utilizadas em sala de aula, o que implica em inseguranças, tentativas e acertos, ou seja, os nossos olhares, nosso estar no mundo e, principalmente, as reflexões-investigações sobre nossas práticas.

O relato de experiência foi proporcionado por encontros de leitura de paradidáticos, com foco em biografias de personalidades negras e confecção de bonecas *Abayomi*, desenvolvido no projeto *Personalidades Negras que Marcaram a História*. Estas atividades foram aplicadas no primeiro semestre do ano letivo de 2023, em uma escola municipal localizada na Vila São José, Bairro Três Andares, Zona Sul da cidade- capital, Teresina, no Piauí, cujo número populacional, segundo o censo de 2022, corresponde a 866.300 pessoas residentes.¹ Essa escola,² na qual atuamos enquanto visitantes, foi fundada no ano de 1987, na gestão do Prefeito Raimundo Wall Ferraz, sendo que, atualmente, funciona nos turnos matutino e vespertino, na modalidade integral, contemplando o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, com sete aulas diárias de sessenta minutos de duração cada.

O projeto *Personalidades Negras que Marcaram a História* foi pensando para cinco encontros. Porém, iremos abordar a nossa escrita na vivência do encontro de número cinco, realizado em 8 de maio de 2023, que foi todo dedicado a conhecer a artesã Lena Martins. Para esse momento, foi proposto a confecção de bonecas *Abayomi*, junto com a contextualização sobre a origem da técnica utilizada para a sua feitura.

2 O DIÁRIO DE AULA COMO INSTRUMENTO DE REGISTRO DAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

A perspectiva metodológica adotada por este trabalho é o Relato de Experiência, tendo como instrumento de mediação o que chamaremos de Diário de Aula, entendido aqui como “documentos em que professoras e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas”

¹ Informação disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/teresina/panorama>. Acesso em: 7 ago. 2023.

² As informações que contextualizam a escola foram retiradas do Projeto Político Pedagógico, que contempla os anos de 2001 a 2003. In: EVANGELISTA, Escola Municipal Professora Cristina (org.). *Projeto Político Pedagógico*. EMPCE: Teresina, 2021. 33p.

(Zabalza, 2024, p.13), por compreendermos que é um importante recurso para a investigação em sala de aula, por ser a/o professora/professor “aquele que diagnostica os problemas, formula hipóteses de trabalho, experimenta e avalia essas hipóteses, escolhe seus materiais, desenha as atividades, relaciona conhecimentos diversos, etc. Ele é, em suma, um pesquisador em sala de aula” (Porlán; Martín, 1991, p. 20, tradução própria).³ Por vezes, entende-se o aprender como ter mais ou menos capacidades inatas sem atentar-se a outros aspectos, como: interesse, motivação, acessibilidade da informação, momento específico, forma de apresentação, organização espacial, distribuição do tempo e tipos de atividades (1991). Os diários de aula, assim, mediam a possibilidade de repensar e buscar mudanças, permitindo à/a/o professora/professor questionar suas próprias concepções.

O Diário de Aula não é somente uma descrição, é também comparar dados e estabelecer conexões que reorientam nossa prática, “é o caderno de trabalho do experimentador, onde anota as observações, onde coleta as entrevistas, onde descreve o conteúdo das matérias de aula, onde compara e relaciona informações, onde estabelece conclusões e toma decisões sobre os próximos passos de experimentação” (1991, p. 65-66, tradução própria).⁴ A/o professora/professor não atua como mera/mero observadora/observador da sala de aula, tendo em vista que incorporamos também a investigação em nossas práticas diárias, pois a prática pedagógica é submetida a um saber teórico e experimental. Por muito tempo, a/o professora/professor foi uma figura à margem no espaço de produção universitária, priorizando um pesquisador-investigador acadêmico. Contudo, a escola, neste trabalho, é entendida, também, como lugar de pesquisa.

Acreditar na relação entre reflexão-investigação sobre nossa prática é o que traz o Relato de Experiência, tendo o instrumento mediador do Diário de Aula, como importante metodologia para pensar e valorizar o nosso fazer escolar, indo além da descrição para a investigação racionalizada, que permite refletir sobre o ponto de vista da/do autora/autor em meio aos processos em que está imersa/imerso, por favorecer o estabelecimento de conexões entre o conhecimento prático e o conhecimento específico do campo da história e exercitar também o processo de investigação-reflexão (Porlán; Martín, 1991).

Não podemos esquecer que os dados obtidos e registrados estarão mediados pelas percepções e concepções de quem vivenciou o momento relatado. Desta forma, o Relato de Experiência “é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em

³ No original: “el que diagnostica los problemas, formula hipótesis de trabajo, experimenta y evalúa dichas hipótesis, elige sus materiales, diseña las actividades, relaciona conocimientos diversos, etc. Es, en definitiva, un investigador en el aula”.

⁴ No original: “es el cuaderno de trabajo del experimentador, donde anota las observaciones, donde recoge las entrevistas, donde describe el contenido de los materiales de clase, donde compara y relaciona informaciones, donde establece conclusiones y toma decisiones sobre los siguientes pasos de la experimentación”.

um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), sua característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica” (Mussi *et al.* 2021, p. 65).

Assim, é importante compreender que o Relato de Experiência vai além da descrição, embora dela se utilize, pois “refere-se a uma construção teórico-prática que se propõe ao refinamento de saberes sobre a experiência de si, a partir do olhar do sujeito-pesquisador em um determinado contexto cultural e histórico” (Daltro; Faria, 2019, p. 228) ao demonstrar “a história, histórias e a importância de haver vozes plurais para contá-la(s). [...] significa também compreender que o discurso está afetado por fatores exteriores, conscientes e inconscientes daquele que profere a palavra narrativa e tem potência de contribuição social” (2019, p. 230- 231). Entendermos que o relato de experiência nunca poderá se compreender como universal, para afastarmo-nos das pretensões científicas centralizadoras de discussões e histórias únicas.⁵

3 O USO DE BONECAS ABAYOMIS NO ENSINO DE HISTÓRIA DOS ANOS INICIAIS: ESCOLHAS TEÓRICO- METODOLÓGICAS

O Projeto *Personalidades Negras que Marcaram a História*, teve como objetivo a reflexão de que o Brasil possui profundas relações com o continente africano e que, a partir da (r)existências das pessoas negras nos mais diversos campos de atuação, como a literatura, o cinema e a arte, temos na nossa história, sujeitas e sujeitos que lutam diariamente contra a discriminação racial e pela valorização étnico-racial negra, importante presença em nossa formação cultural.

O encontro de encerramento do projeto, teve início com uma introdução acerca da história das bonecas *Abayomi*, destacando a figura da artesã Lena Martins, *artivista*⁶ negra, como principal referência da técnica usada no Brasil. Em seguida, as/os estudantes receberam materiais, tecidos diversos, para criarem suas próprias bonecas, com a finalidade de dialogar com a ideia de estereótipos

⁵ Acerca da escrita adotada, é importante registrar que acreditamos no significante “nós”, primeira pessoa do plural. Como diz Lélia Gonzalez (2020), não posso falar na primeira pessoa do singular de um movimento que faço ao ler, escrever e vivenciar algo que é uma experiência que não é só minha, mas sim, diálogo com contemporâneas e muitas/muitos que vieram antes de mim, no ambiente acadêmico, com as/os autoras/autores que tive contato, assim como nos ambientes de demais sociabilidades e, fundamentalmente, com minha professora-orientadora que foi liga para dialogar com os contextos que me formam como professora-pesquisadora. Porém, será adotada uma mudança na escrita. Irei utilizar predominantemente o significante “eu”, primeira pessoa do singular. Essa mudança se deve, por ser utilizado o relato de experiência da autora como metodologia para compor esta pesquisa. Como as situações foram experimentadas por mim, ao usar o Diário de Aula como um lugar de registros pessoais, acredito que esse movimento da escrita irá melhor contemplar a importância de pensar e valorizar as vivências experienciadas no ambiente escolar para refletir o fazer da/do professora/professor em diálogo com os pensamentos feministas negros.

⁶ Palavra que combina arte e ativismo, utilizada para se referir a um indivíduo que usa sua produção artística como também manifestação social, no intuito de defender um movimento, causa. Para informações: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/download/34558/19962>. Acesso em: 15 abr. 2025.

discutida por Lélia González (2020),⁷ por entender que, em alguns contextos, não é imaginado como as/os artesãs/artesãos produzem, a partir de sua técnica e artes, linguagem de enfrentamento e contestação.

A reflexão que propus foi que a *artivista*, à sua maneira, também contribuiu e contribui para a luta antirracista e, assim, o intento foi provocar uma percepção de que o trabalho de mulheres negras, também a personificam, enquanto sujeitas históricas. É uma tentativa de redirecionar os olhares das crianças, e demais sentidos, para elas/eles próprias/próprios como seres que também são sujeitas/sujeitos históricas/históricos em suas identidades. Para Nilma Gomes (2005), trazer a ideia para o debate é fundamental para as discussões acerca das relações étnico-raciais no Brasil, principalmente quando pensadas dentro da produção acadêmica e dos movimentos sociais, campos que potencialmente estabelecem relações profundas com a educação. A autora entende identidade como um significante que não é inato:

Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivais, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. Portanto, a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-políticos e históricos em cada sociedade (2025, p. 41).

Ao trazer a noção de identidade como significante produzido, que se distancia de uma ideia de naturalidade e está atrelada às nossas construções sociais, culturais e políticas, entende-se a importância de pensar a historicidade dos termos e conceitos que aplicamos em nosso fazer e perpassam currículos e interpretações sobre o mundo. Se histórica, a identidade é fruto de lutas e interpretações diversas sobre a realidade, assim, Kabengele Munanga (2000) entende que a identidade se constitui a partir da tomada de consciência de um movimento de resistência, portanto, não é um produto acabado, e sim, construído por meio de processos, o que torna as/os sujeitas/sujeitos identitários não como biológicos ou raciais, mas como históricos e culturalmente construídos. Alerta, também, sobre a importância de não cair em um determinismo biológico, ao pensar que as pessoas negras produzem diretamente uma cultura ou uma identidade negra, pois essas construções são elaboradas historicamente.

⁷ Grande crítica ao mito da democracia racial, importante pauta do movimento negro da década de 1980, Lélia González (2020) questiona, também, o lugar onde é colocada a mulher negra. Mulata, a doméstica e a mãe preta são construções de um discurso branco dominante que define e limita as vivências de mulheres negras, colocando-as sempre na condição de submissão e aquiescência, negando-lhes a condição de sujeitas humanas, o que contribui para a sua objetificação. Dessa forma, expõe que o racismo não é um fenômeno natural, mas sim um processo construído que determina características às pessoas negras que, por sua vez, estabelecem limites às suas humanidades, contribuindo para a manutenção da ideologia dominante.

Pensar identidade resulta também em pensar a diferença, pois na constituição do processo identitário, um grupo social estabelece relação de diferença com o outro, social ou institucional, ao passo que diminui as diferenças dentro dos próprios grupos que o formam, reivindicando um reconhecimento político (Gomes, 2005). Assim, a identidade é construída a partir da interação com as/os outras/outros e seus pares. Não é biologicamente definida, é historicamente vivenciada, possibilitando pluralidades de identidades ao longo de nossas constituições, contradições e identificações.

Nilma Gomes (2005) destaca a importância de “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina os negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as)” (p. 43). A escola é um espaço de construção de identidade, é na escola que temos contato com a humanidade valorizada, portanto, deve exercer o lugar de respeito à diversidade étnico-racial para cada criança e adolescente que irá estabelecer relações com o mundo:

Aprendemos, desde crianças, a olhar a diversidade humana – ou seja, as nossas semelhanças e dessemelhanças – a partir das particularidades: diferentes formas de corpo, diferentes cores da pele, tipos de cabelo, formato dos olhos, diferentes formas linguísticas, etc. Contudo, como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizadas: perfeições e imperfeições, beleza e feiúra, inferioridade e superioridade. (2025, p. 51).

Em diálogo com as leituras realizadas, entendo a escola como um ambiente onde é necessário e possível o desenvolvimento de discussões étnico-raciais, como um espaço formador de humanidades. Portanto, a temática deve ser discutida também por todo o corpo escolar (diretora/diretor, coordenadoras/coordenadores, professoras/professores, zeladoras/zeladores e demais profissionais que transitam e vivenciam esse espaço), não apenas por pessoas negras e/ou de movimentos sociais, estendendo-se para além dos muros da escola.

Para trazer a diversidade humana e enfrentar um olhar hierarquizante, que coloca as pessoas negras em um lugar de inferioridade, levei uma referência positiva de mulher negra para a sala de aula. Por isso, a utilização da boneca *Abayomi*, confeccionada de forma artesanal com sobras de panos reaproveitadas, feitas apenas com nós, sem o uso de cola ou costura, portanto, de fácil manuseio por estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Trata-se de um símbolo de resistência, tradição, poder feminino, representatividade negra e da própria discussão de identidade, tendo como referência o trabalho desenvolvido por Lena Martins (Oliveira, 2019).

Para o encontro com o grupo de crianças do 5º ano do ensino fundamental, foi apresentada uma biografia breve do trabalho de Lena Martins, nascida na cidade-capital São Luís, Maranhão, que

passou a morar, aos 8 anos de idade, no Rio de Janeiro, capital, com sua família, onde vive até hoje. Aprendeu a herança familiar do artesanato com sua mãe e desenvolveu seu ofício a partir da confecção de boneca de pano, palha de milho e de papel. Criou a técnica utilizada para a confecção da boneca preta brasileira, que nomeou de *Abayomi* (palavra que vem da língua Iorubá e significa “meu presente” ou “aquele que traz alegria”), quando trabalhava como animadora cultural. Participou do movimento negro e de mulheres negras, foi tema de pesquisas acadêmicas, documentários e também enredo de escola de samba. Criou, em 1988, no Rio de Janeiro, a Cooperativa *Abayomi* e, atualmente, continua exercendo seu ofício de artesã.⁸

Lena Martins é o exemplo de uma mulher negra brasileira para a história das brincadeiras e que encontrou no brincar de boneca uma forma de lutar contra o racismo. Nessa ocasião, traço um paralelo com Lélia Gonzalez (2020) e o seu conceito de *amefrikanidade*, que abarca a experiência comum entre mulheres negras e homens negros do processo de diáspora, assim como mulheres e homens indígenas e suas lutas contra a dominação colonial. A autora, ao falar que a luta das pessoas negras se estabelece de forma diária desde o processo de escravização no Brasil, em diversas manifestações de resistências, permite-nos humanizar e reconhecer essas/esses agentes e suas histórias de forma positiva, entendendo que essas lutas, nas mais variadas formas de resistência como o artesanato, ainda se fazem presentes e não podem ser esquecidas. Propõe que sejamos sujeitas/sujeitos do nosso próprio discurso, pois só na prática é possível perceber, construir, reconstruir, desconstruir, nossa identidade.

O pensamento de Lélia Gonzalez (2020) nos possibilita refletir acerca das contradições internas das desigualdades raciais, desloca sujeitas/sujeitos negras/negros para o centro da história, ao mesmo tempo que propõe um olhar para si, para esse retorno necessário, de reconhecimento. Dessa forma, enfoca a perspectiva de que é importante apontar os corpos negros na história como personagens que criam, atuam no seu presente, possuem sentimento, pensam e estão próximos, pois também somos sujeitas e sujeitos que agem no mundo.

A confecção de bonecas *Abayomi* pode ser utilizada como uma ferramenta educativa e afetiva potente, que estabelece um sistema representativo como uma estratégia de sobrevivência, sustentado pelos pensamentos feministas negros entendido por Carolina Pinto (2022, p. 24) como “o conjunto de tradições intelectuais feministas negras específicas, embora heterogêneas, criadas a partir do lugar social que as mulheres negras ocupam como coletividade. Esse conjunto de tradições nasce da tensão dialética entre a opressão sofrida pelas mulheres negras e seu ativismo”. Isso ocorre, principalmente, no contexto em que a boneca foi e ainda é atribuído à menina, como brincadeira destinada ao

⁸ Para mais informações: <https://www.bonecaabayomi.com/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

imaginário feminino do lugar do cuidado e do ambiente doméstico, como seu lugar de pertencimento naturalizado, ou ainda mais, à menina negra, o lugar único de empregada doméstica, como decorrência de práticas coloniais da sociedade brasileira (Gonzalez, 2020).

Para trabalhar com essa atividade, foi necessário pensar o planejamento com materiais que não estavam disponíveis na escola. Os tecidos necessários foram obtidos a partir da ajuda de minha mãe, costureira negra, que tinha guardado vários retalhos de cores variadas, que foram adequados para a realização da atividade. Após a organização da turma em grupos mistos, de meninas e meninos, foram distribuídos os tecidos já cortados para facilitar o manuseio para, em seguida, ser realizada a orientação do passo a passo: Pegue o tecido maior e dê um nó na ponta para formar a cabeça. Em seguida, nas duas pontas formadas, dê um nó em cada ponta do tecido para formar os pés. Pegue o tecido menor e amarre logo abaixo da cabeça formando os braços. Também dê um nó em cada uma das pontas para formar as mãos. O corpo está feito. Agora, é o momento da roupa. Pegue um tecido colorido de preferência, dobre ao meio e passe o furo pela cabeça da boneca. Pegue um pedaço de tecido fino, podendo também ser colorido, e o amarre na cintura. Uma possibilidade a mais é pegar outra tira de tecido e amarrar na cabeça para formar um turbante. Exemplarmente, esse processo de confecção da *Abayomi* pode ser visualizado a partir das seguintes imagens:

Figura 1 – Passo a passo



Fonte: Arquivo pessoal.

Há algumas narrativas em torno da origem das bonecas *Abayomi*. Uma dessas versões conta que seu surgimento se deu a partir do movimento transatlântico de tráfico de pessoas escravizadas. Assim, essas bonecas teriam nascido dentro dos navios tumbeiros, na ação de resistências de mães que rasgavam pedaços de tecidos de suas saias para confeccionar bonecas, que serviriam como amuleto e afeto para suas filhas e seus filhos, diante de uma situação tão desumana. Feitas apenas com tranças, nós e sobras de tecido, essa narrativa ganhou espaço público como símbolo de poder feminino e força (Teofanes *et al.*, 2021). Outras narrativas também foram elaboradas sobre este surgimento

entre elas dou destaque a história de vida de uma artesã nordestina, como tentativa de evitar histórias únicas (Adichie, 2019; Nascimento, 2019).

A escritora Chimamanda Adichie (2019) afirma que as histórias únicas estão ligadas às relações de poder, que é “a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (p. 23), o que pode criar discursos únicos de experiências negativas sobre o povo, impedindo que um olhar seja lançado para as outras características e histórias que o formam. Ao traçar um diálogo com a pesquisadora Maria Cristina do Nascimento (2019), para pensar as representações das bonecas negras, nos deparamos com o racismo brasileiro que no reforço de “estereótipos racistas em personagens de programas humorísticos e em bonecas inspiradas na ‘nega maluca’, os ‘bonecos de piche’ aparentemente inocentes, elas reforçam a negação da identidade negra desde a infância, onde boneca preta é vista como ‘feia, suja’” (p. 522). A autora chama a atenção para a importância de se refletir acerca da relação entre o lugar da boneca *Abayomi* e as discussões acerca do racismo, que “a boneca preta sem cola e sem costura questiona a ausência de bonecas negras nas prateleiras das lojas, como faceta do racismo estrutural, ela também nos apresenta a ludicidade como parte de nossas memórias ancestrais” (p. 524), por entender que é necessário abandonar versões únicas, que podem romantizar a escravização, para assim, valorizar as práticas de mulheres negras como Lena Martins.

Desta forma, conversei com as/os estudantes sobre essa versão popular da história, que por não termos comprovações históricas de que foi a origem da boneca de pano *Abayomi*, inclusive porque por muito tempo não eram valorizadas fontes que contassem as histórias das pessoas negras, como a oralidade, não podemos estabelecer essa versão como a única e verdadeira. Expliquei que é importante conhecer outras histórias, entre elas a de Lena Martins, pois foi a idealizadora da técnica que atualmente é amplamente utilizada para a confecção da boneca, sendo um trabalho desenvolvido pela artesã até os dias de hoje.

Em muitos contextos escolares, as crianças possuem referências históricas de personalidades que corroboram com uma história única de humanidade, por isso, pensar a pluralidade de sujeitas/os na história e outras possibilidades de existir é um ato de transgressão. Chimamanda Adichie entende que “as histórias importam. Muitas histórias importam” (2019, p. 32), e propõe dialogar com a diversidade dos grupos sociais, para que estes possam contar as versões de suas próprias histórias, as partes negativas e as partes positivas, reconhecendo nos conhecimentos desenvolvidos por pessoas negras um importante aporte epistemológico para refletir sobre outros lugares e a multiplicidade de humanidades possíveis.

Entendo o brincar de *Abayomi* como uma estratégia de sobrevivência, por ser um meio que possibilita pensar “os corpos negros como integrantes da sociedade nacional, e não como invisíveis ou inferiorizados ou colocados à margem de uma sociedade hegemônica que é branca, patriarcal e excludente” (Oliveira, 2019, p. 157). Entendo que falar da boneca *Abayomi* é questionar uma narrativa que, em muitos momentos, é colocada como única, para ampliar a visão que temos dessa brincadeira, uma tentativa de tirar da invisibilidade nomes que desenvolvem técnicas e utilizam esses recursos como formas de pensar o ensino, o brincar e a valorização do povo negro, diante do próprio movimento de educação que aqui é entendido como “um processo no qual os indivíduos se apropriam do que já foi produzido culturalmente pela espécie humana em sua história para serem humanizados” (Pinho, 2022, p. 23). A prática do brincar também deve estar relacionada com o âmbito das políticas públicas e ações afirmativas de valorização da história e da cultura afro-brasileira, para gerar o empoderamento de nossas/os estudantes. As bonecas *Abayomi* aparecem nesse movimento de trabalhar no sentido de empoderar e a cultura advinda da relação afro-diaspórica no Brasil. As imagens a seguir, retratam alguns momentos da elaboração das bonecas pelas/os estudantes da Escola Municipal Professora Cristina Evangelista:

Figura 2 – Confecção de Bonecas *Abayomi*



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante esse encontro, foi perceptível ver que muitas crianças ficaram empolgadas. Meninas e meninos logo quiseram pegar os tecidos, escolher suas cores e começar a brincar de fazer uma boneca. Ouviram minhas instruções com calma e como a sala estava organizada em grupos, puderam se ajudar. A princípio, os nós necessários para formar os membros das bonecas foi a parte mais difícil, mas entendendo a maneira adequada de fazê-los, logo quiseram continuar. Ensinei o básico, a fazer o corpo, a cabeça, os braços, as pernas e a colocar o vestido na boneca. Mas logo as crianças foram além.

Montaram adereços de cabelo, colocaram cachecóis, apostaram nas cores e nas estampas, colocaram botas, fizeram amarrações que lembravam calças, ou seja, trouxeram suas referências pessoais à montagem. Uma das crianças negras, que tem como característica o nanismo, falou que iria fazer uma boneca pequena para parecer com ela. A estudiosa Maria Cristina do Nascimento (2019) me ajudou a pensar como a fala e associação feita pela criança é muito significativa, por refletir sobre como a/o boneca/boneco é uma reprodução do humano e faz parte do nosso processo e necessidade de reconhecimento, podendo exercer função de alteridade e ludicidade. Brincar de boneca/boneco é um exercício de experimentar a troca de papéis, criar mundos imaginados e recriar nossas concepções reais. É instrumento de organização e construção de sociabilidades. Assim, a força que é materializada nas bonecas, como lugar de representatividade negra para a autoimagem e autoestima de crianças negras/negros, é vista como um lugar de efetiva potência.

Um comentário feito por Maria Cristina do Nascimento (2019), desde o início da pesquisa, me chamou muito a atenção: afinal, as bonecas *Abayomi* seriam um “brinquedo de menina, brinquedo de menino ou brinquedo de brincar?” (p. 520). Essa pergunta me atravessou e volto constantemente a ela ao refletir acerca dos pensamentos feministas negros no meu fazer como professora-pesquisadora. Ao questionar as crianças se brincar de boneca seria um brinquedo de menina, um brinquedo de menino ou um brinquedo de brincar, algumas crianças se sentiram à vontade de dizer que também brincavam com suas irmãs, identificando-a como uma brincadeira que também adentra o universo da infância masculina.

Pensar os atravessamentos de gênero exige entender que esse é um conceito que vem ganhando diversas formas ao longo do tempo. Utilizado nas ciências sociais para estudar as significações culturais que são dadas às mulheres e aos homens, indica que suas condições são variáveis no mundo e afasta a ideia de naturalidade dos sexos, é utilizado para falar das relações entre mulheres e homens e sua dimensão de poder. Gênero também dialoga com as pessoas que não se enquadram na ideia binária de mulher-homem, colocando em questionamento a ideia de sexo biológico, como também é construído culturalmente a partir do discurso (Soihet; Maria Pedro, 2007). É importante pensar gênero junto às discussões étnico-raciais, por permitir aprofundar as reflexões acerca da falta de

representatividade, em pautas que não contemplavam as mulheres não brancas, sem homens, sem filhos, lésbicas, trans e pobres, para pensar as lutas contra o silenciamento público, inclusive acadêmico, que invisibilizou diversas formas de (r)existências.

De Mulher, passou-se a estudar Mulheres, no plural, observando agora variáveis como raça/etnia, classe, geração e sexualidade. Diante de tantos marcadores, é importante dialogar com o conceito de Interseccionalidade, pois as desigualdades não acontecem isoladamente. Os estudos desenvolvidos por intelectuais negras proporcionaram acionar esse conceito, cunhado academicamente pela intelectual afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw (2002), ganhando espaço e tornando-se debatido com maior ênfase pelo movimento feminista negro. Desta forma, a autora define Interseccionalidade como

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (p. 177).

Pensar Interseccionalidade permite ampliar o nosso olhar para as construções e silenciamentos dos corpos em nossas narrativas históricas, ao entender que as/os sujeitas/sujeitos são atravessadas/atravessados por diversos marcadores sociais que, por sua vez, legitimam humanidades. A historiadora e antropóloga Lélia Gonzalez (2020), ao pensar o contexto brasileiro, diz que o lugar em que nos situamos irá definir nossas interpretações sobre os fenômenos do racismo e do sexism, ao entender que a articulação de ambos produz efeitos violentos para a população negra, principalmente sobre a mulher negra. Dessa forma, o brincar de boneca como espaço tradicionalmente direcionado às “brincadeiras de meninas” pode ganhar outras nuances e adentrar o espaço das “brincadeiras de meninos”, justamente para questionar nossas construções tradicionais de ser mulher e ser homem. Questionar essas barreiras no espaço do brincar é também uma forma de questionar as opressões que nos atravessam (raça, gênero, classe social etc.) em busca de uma transformação em direção à sociedade.

As *Abayomi* foram feitas por muitas crianças com a intenção de serem um presente, elas comentaram que dariam às suas mães, irmãs. Outras crianças preferiram guardar. Fizeram pra si próprias. Assim, “as brincadeiras são parte das culturas e são engajadas de vários saberes e tradições perpassando diferentes fases da vida e assumindo significado de acordo com o contexto que os sujeitos estão inseridos” (Teofanes *et al.*, 2021, p. 2). As significações diversas que a confecção das bonecas *Abayomi* podem gerar me levam a pensar na aplicabilidade desse recurso nas diversas séries do ensino

básico e também com adultos, podendo trazer reflexões e valorização de um fazer por mãos negras, para várias pessoas de diferentes faixas etárias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as experiências vivenciadas, observamos como é importante que pessoas brancas também participem da luta antirracista, que contribuam, que entendam seu lugar como pessoas racializadas que recebem privilégio em uma sociedade organizada de forma hierárquica, para assim, também lutar contra as estruturas que sustentam o racismo. Por isso, é interessante a perspectiva adotada pela pensadora bell hooks (2019), de que o feminismo é para todo mundo, por entender que nossas sociedades são atravessadas por marcadores como raça, sexo, classe, idade e orientação sexual, entre outros. Para a compreensão e construção de uma sociedade igualitária, que conteste a discriminação racial e o sexismo, opressões que se interseccionam, é importante uma colaboração coletiva. A educação de crianças, negras e brancas, é um projeto para uma sociedade mais justa e livre.

Ao pensar uma atitude antirracista na escola, não devemos entendê-la apenas como respeito ou a simples tolerância às diferenças, mas sim, como mudanças reais nas estruturas sociais. Compreender as práticas antirracistas como aquelas voltadas a uma denúncia contra o racismo com vias à sua desarticulação e subversão, que também tem no contexto escolar um lugar de luta e potencial de transformação. É entender também que esse enfrentamento como uma iniciativa de todas/todos aquelas/aqueles que têm compromisso com a valorização das múltiplas humanidades na escola e na sociedade (Pinheiro, 2023).

A materialização dessas experiências na escrita, reflete inquietações enquanto professoras-pesquisadoras e tem, no Diário de Aula, recurso metodológico que proporcionou diálogo entre as teorias e práticas desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem. Devemos escrever mais sobre nossas vivências na sala de aula. As experiências no ambiente escolar exercem papel formador significativo, atravessam nossos corpos, contribuem para a construção de nossas identidades e das nossas concepções de humanidade.

A boneca *Abayomi*, destaca-se nesse contexto pela simplicidade de manuseio, tornando-se acessível para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Além de ser um símbolo de resistência, tradição, poder e representatividade negra, ela também contribui para a reflexão sobre identidade. Experiências que têm forte relação com intelectuais negras que pensam a academia e o ensino como espaços de luta em prol de uma educação que age contra a discriminação racial e o sexismo, ao entender que todas e todos, pessoas negras e brancas, devemos assumir coletivamente o compromisso com uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: *Estudos Feministas*, ano 10, n° 1/2002, p. 171-188. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2025.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro: V. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização Flavia Rios, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: EdUFF, 2000. Disponível em: <http://penesbi.uff.br/wp-content/uploads/sites/573/2019/02/Penesb-5- Texto-Kabenguele-Munanga.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; Almeida, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. In: *Revista Práxis Educacional* V. 17, N. 48, p. 60-77, Out./Dez, 2021.

NASCIMENTO, Maria Cristina do. Quem conta a história é quem dá o tom ou narrativas sobre as bonecas Abayomi: ancestralidade e resistência das mulheres negras ou romantização da escravidão? In: *II COPENE Nordeste Epistemologias Negras e Lutas Antirracistas. Cadernos Imbondeiro*, vol. 6, n° 2, 2019 [UFPB] ISSN 2316-2937. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ci/issue/view/2402/341>. Acesso em: 15 abr. 2025.

OLIVEIRA, Nutyelly Cena de. Bonecas Abayomis e narrativas insurgentes contra o racismo e o epistemocídio. In: *Revista Humanidades e Inovações* v.6, n.16 – 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1837>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PINHO, Carolina Santos B. de. Pensamento Feminista Negro como orientação teórico-metodológica de uma pedagogia revolucionária. In: PINHO, Carolina; MESQUITA, Tayná Victória de Lima (org.). *Pedagogia Feminista Negra: primeiras aproximações*. São Paulo: Veneta, 2022.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. *El diario del profesor*: un recurso para la investigación en el aula. Sevilla, España: Díada Editorial S.L, 1991. Disponível em: <https://ariselaortega.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/11/4-porlan-rafael-el-diario-del-profesor.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281- 300 – 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2025.

TEOFANES, Maria da Conceição Pereira Alvares; VASCONCELOS, Thaís Gomes de; WANDERLEY, Alba Cleide Calado. Abayomi: traçando perspectivas. In: *VII Congresso Nacional de Educação – CONEDU*, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA106_ID1455_29072021212327.pdf. Acesso em: 15 abr. 2025.

ZABALZA, Miguel A. *Diário de aula*: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.